

Criação Coletiva: 4ª série de 2006

# A TERRA ONDE NUNCA SE MORRE



Colégio Glória Andrade

# **A Terra Onde Nunca Se Morre**

Criação Coletiva de:

Álvaro Resende  
Alysson Santana  
Arimluz de Almeida  
Arthur Sebastião  
Bruno Brandão  
Carolina Kamei  
Fernanda Gonçalves  
Izabela Mayla  
Jonas Isaías  
Larissa Caroline  
Leo César Santana  
Leo Gonçalves  
Leonardo Lima Lodi  
Ludmila Leão  
Lygia Lyellow  
Matheus Xisto  
Nilton Carlos  
Patrícia Mc Quade

Turma da 4ª Série de 2006

# A Terra Onde Nunca Se Morre

Criação Coletiva da 4ª Série de 2006

Eu vou narrar pra vocês  
Uma história verdadeira  
De um lugar muito encantado  
Onde se vive a vida inteira  
Onde o tempo nunca passa  
Porque a morte é brincadeira

José era um menino  
Curioso pra danar  
Morava numa aldeia  
Que chamava Bagdá  
Perguntava a todo mundo  
Uma coisa de amargar:

— Quero viver para sempre  
Ouvi falar num castelo  
Onde a morte não pode entrar  
O senhor que é sincero  
Sabe onde ficar esse lugar?  
Chegar lá é o que eu espero.

E assim foi perguntando  
Pergunta aqui e acolá:  
— Deve ser um lugar belo  
Mas eu nunca ouvi falar.  
É o que diziam todos  
Os habitantes de Bagdá.

José saiu caminhando  
À procura da terra imortal  
E encontrou no seu caminho  
Um homem muito legal  
Era um velho bem barbudo  
Com uma carroça de pau.

Esse velho trabalhava  
Desmanchando uma montanha  
Pedrinha por pedrinha  
Sua força era tamanha  
A barba batia no peito  
Esse cara tinha a manha.

José ficou intrigado  
Com a barba desse homem  
— Ele deve ser um sábio  
Ou talvez um lobisomem  
Quem sabe ele não sabe  
Onde a morte passa fome?

— Quero viver para sempre  
Ouvi falar num castelo  
Onde a morte não pode entrar  
O senhor que é sincero  
Sabe onde ficar esse lugar?  
Chegar lá é o que eu espero.

O velho prometeu a José  
200 anos de vida  
Enquanto houvesse a montanha  
Tinha a vida garantida  
Mas José pensou, pensou  
Foi buscar outra saída.

José saiu caminhando  
À procura do castelo  
Avistou uma floresta  
Onde havia um homem velho  
Com um machado na mão  
E apenas um pé de chinelo

Desmatando a floresta  
Uma barba até a barriga  
Levando toda a madeira  
Numa carroça bem antiga  
Destruía a natureza  
Para alongar sua vida.

José ficou pensando  
Se devia perguntar  
Onde ficava o castelo  
Onde a morte não pode entrar  
Eta velho esquisito  
Talvez possa adivinhar.

— Quero viver para sempre  
Ouvi falar num castelo  
Onde a morte não pode entrar  
O senhor que é sincero  
Sabe onde ficar esse lugar?  
Chegar lá é o que eu espero.

— Eu que moro na floresta  
Nunca ouvi falar.  
Disse o velho garantindo:  
— Se quiser me ajudar  
Quinhentos anos de vida  
De hoje em diante terá.

José ficou refletindo  
Na proposta cabeluda:  
— Quinhentos anos de vida  
Quem sabe a morte desgruda?  
Mas um dia isso acaba  
E o meu destino muda.

Vou seguir o meu caminho  
Pra esse lugar distante  
Não sei se ele existe  
Mas vou seguir adiante  
Incansável nessa busca  
Onde a vida é um diamante.

José teve muita sede  
De tanto andar em viagem  
Avistou de longe um rio  
E pensou que era miragem  
Correu desesperado  
Pra tomar água na margem.

E na beira desse rio  
Tinha um velho interessante  
Com a barba até o joelho  
E um patinho intrigante  
Que bebia aos golinhos  
A água do rio gigante



José falou para o velho  
O que sempre perguntava  
Sobre a terra imaginária  
Onde a morte não entrava  
O barbudo respondeu  
Que não sabia de nada.

— Mas se quiser ficar,  
Disse o velho a José,  
— Poderá viver mil anos  
Enquanto água no rio houver.  
O pato bebe aos pouquinhos,  
Esta vida vai dar pé.

Mas José queria mesmo  
Era ter vida infinita  
Encontrar logo essa terra  
Onde a morte não irrita  
— Mil anos é muita coisa,  
Mas um dia o tempo frita.

Bebeu mais um gole d'água  
E vazou pro seu destino  
Passou por uma ponte  
OuvIU um som bom de sino  
Deu de cara com um portão  
Que não era pequenino.

Olhou para o lado esquerdo  
E o muro não tinha fim  
Olhou pro lado direito:  
— Como pode grande assim?  
Queria logo perguntar  
Saber tintim por tintim.

Um velho abriu o portão  
Tinha a barba até o pé  
E foi logo perguntando:  
— Me diga você quem é?  
O nosso herói respondeu:  
— O meu nome é José.

O velho então lhe falou:  
— Você acaba de chegar  
Na terra onde nunca se morre  
Venha, que vou lhe mostrar  
Como é grande esse castelo  
Como é bom de se morar.

Agora vamos falar  
Das vantagens da cidade  
Tudo era tão perfeito  
Que nem parecia verdade  
Morar lá era promessa  
De eterna felicidade.

As comidas do lugar  
Não faltavam nenhum dia  
Divididas igualmente  
Com uma imensa alegria  
O sabor muito gostoso  
Sortudo era quem comia.

Como era a moradia  
Deste lugar encantado?  
São casinhas bem pequenas  
José ficou impressionado  
Todas eram arrumadas  
Tanto trabalho compensado.

Dinheiro não havia  
E a troca predominava  
O povo era elegante  
A tal fome era piada  
Ninguém dali saía  
Pois dinheiro não se usava.

As pessoas tão bonitas  
Tinham roupas diferentes  
De aparência bem antiga  
Todo mundo inteligente  
As mulheres de vestido  
E os homens muito contentes.

José resolveu ficar  
Para sempre nessa terra  
Passou muito, muito tempo  
E um dia a saudade berra  
Lembrou de sua família  
E a promessa que fizera.

— Um dia ainda vou voltar  
Pra matar minha saudade  
Pra rever minha família  
E também minha cidade  
Pra contar que a terra existe  
Onde há felicidade.

José perguntou ao velho:  
— Meu senhor posso sair?  
Quero ver minha família  
Para de novo eu sorrir  
É que fiz uma promessa  
E agora quero cumprir.

O velho lhe respondeu:  
— Sair é Morte na certa  
ela pega todo mundo  
a Morte é muito esperta  
em qualquer hora do dia  
ela te encontra e te acerta.

Mas existe uma esperança  
Tenho um belo alazão  
Se você daqui sair  
Não ponha o pé no chão  
Porque a Morte te pega  
E te leva pro caixão.

José a proposta aceitou  
E arrumou logo a bagagem  
Montou no cavalo veloz  
E seguiu sua viagem  
Mil léguas ele percorria  
Era melhor que carruagem.

— Que veloz cavalgada!  
Pensou José ofegante.  
— Esse cavalo é mágico  
e eu cheguei em um instante  
corremos como um raio  
e vejo a cidade adiante.

José se impressionou  
E não reconheceu nada  
A cidade mudou tanto  
Estava modernizada  
Grandes prédios ali havia  
Totalmente transformada.

Procurou sua casinha  
Para cumprir sua promessa  
Mas ali nada existia  
— Nossa! Que cidade é essa?  
Procurou os seus parentes  
E ficou triste a beça.

Tanto tempo se passou  
Que sua família morreu  
Não havia nem vestígio  
Do lugar que ele viveu  
Novos parentes havia  
Que José não conheceu.

Voltou decepcionado  
Devagar pelo caminho  
Avistou longe uma velha  
Lá perto de um moinho  
Que puxava uma carroça  
Com sapatos bem velhinhos.

José se aproximou  
Da velha e sua carroça  
Que estava muito cheia  
De sapatos e galochas  
Bem no meio do caminho  
A roda atola na poça.



Nosso herói comovido  
Com a força que ela fazia  
Para tirar sua carroça  
Do buraco que ali havia  
E de coração partido  
Ajudar ele queria.

Acabou se esquecendo  
Do velho e seu aviso  
E desceu do seu alazão  
Para a velha deu um sorriso  
Tentou puxar a carroça  
Era esperto neste ofício.

Esse dia se fez macabro  
E que susto ele tomou  
Era a figura da Morte  
Que na velha se apresentou  
De repente ela deu um grito  
E José se apavorou.

— Não adianta ser esperto  
finalmente te peguei  
ando muito furiosa  
esses sapatos eu gastei  
tanto tempo te procurando  
e agora te encontrei.

E assim termina a história  
Do herói em sua triste sorte  
Queria viver para sempre  
E na Morte dar pinote  
Faltou pouco pra ele vencer  
Mas o destino deu-lhe o bote.

Fica então um ensinamento  
Pra levar a vida inteira  
Ouça os conselhos dos velhos  
Essa dica é verdadeira  
Viva sempre intensamente  
Pois a vida é passageira.

**Fim**

Língua de poeta é:  
Invenção pura da infância  
Teatro de boa lambança  
E de alegria no pé  
Riso, choro e boa fé.  
A arte, tem hora que dói  
Tanto cura quanto rói.  
Uma criança que brinca  
Rimando palavra com tinta  
Anima o conto que constrói.

Dia após dia no cordel  
Era o suor sobre o papel.

Com caprichos e relaxos  
Ousamos viver poesia  
Redescobrimo as estórias  
De princesa e Carochinha  
E aventuras e moleques  
Linguagem de fantasia

Este trabalho foi realizado entre agosto e novembro de 2006 pela professora Patricia Mc Quade no Colégio Glória Andrade. Contou com o apoio do poeta Leo Gonçalves na criação poética do cordel coletivo e o empenho de todos alunos da 4ª séries neste e também na escrita de seus cordéis individuais.